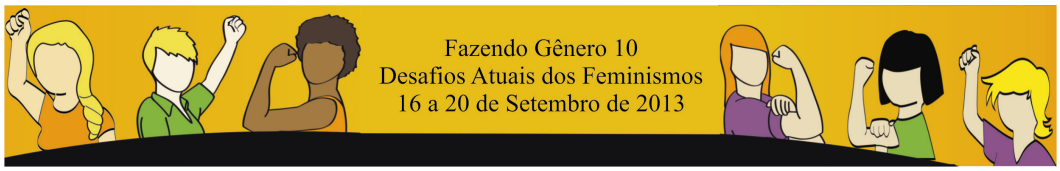


FEMINISTAS LIBERTÁRIAS: PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS DE RESISTÊNCIA

Gabriela Miranda Marques[1]

Resumo: Esta comunicação pretende visibilizar e debater práticas contemporâneas das autodenominadas "feministas libertárias" e/ou "anarcafeministas" na década de 1990. Essas mulheres estão localizadas dentro da cena punk e anarcopunk brasileira. Utiliza-se aqui o termo "cena" por este ser um termo êmico e que engloba as diversas materialidades que constituem o que é entendido como cultura punk: músicas, atividades, roupas, fanzines, textos, etc. Elas se designam como parte da cena (até os dias de hoje majoritariamente composta por homens), marcando tais feminismos como resistências localizadas na interseção entre classe, geração, gênero e raça.
Em um contexto de neoliberalismo e individualismo crescentes elas se apropriam do conceito de sororidade para fortalecer laços; buscam criar alternativas à cultura consumista incorporando práticas do "faça-você-mesma", conceito muito caro à cultura punk; enfrentam, muitas vezes por meio da ação direta, práticas machistas dentro de sua própria cena e da sociedade em geral. Logo, entende-se que a inserção na cultura punk e anarcopunk e a ligação com o anarquismo trazem especificidades que merecem ser debatidas. Para desenvolver a problemática proposta foram utilizados como fontes fanzines e relatos orais dessas mulheres.
Palavras-chave: Feminismo libertário. Resistência. Interseções

Ao narrar a história muitas vezes o fazemos no masculino, algumas vezes ao historicizar práticas e relações, nos esquecemos que se não colocarmos o holofote da escrita sobre as experiências das mulheres, se não nomearmos que elas também estavam lá, a história acaba sendo dos homens. A historiadora Michelle Perrot (1989;2007) há muito ressaltava a importância de se contar uma história das mulheres, essa seria uma história contada de um ponto de vista bastante diferente daquela dos homens ou a da dita humanidade. Sem me ater as singularidades que esta autora atribuiu à memória e história das mulheres, ressalto aqui a importância de historicizar e visibilizar a história de pessoas que se identificam como mulheres e que, em corpos ditos femininos e com definições claras de gênero atuando como maquinarias construtoras de uma subjetividade feminina adequada, experienciam o mundo e a cena anarcopunk.

A história das mulheres anarquistas por muito tempo ficou ofuscada na história do anarquismo em geral. Algumas autoras como Margareth Rago (2001; e 2007) e Miriam Moreira Leite (2005), buscaram visibilizar as experiências destas mulheres e publicaram livros que servem

[1]Gabriela Miranda Marques atualmente é doutoranda em História Cultural na Universidade Federal de Santa Catarina/ Brasil e bolsista da Capes. Possui experiência na área de História, com ênfase em História do Tempo Presente e História Comparada, principalmente no campo dos Estudos de Gênero e Feminismos. Vem atuando na equipe do Laboratório de Estudos de Gênero e História/UFSC como estudante/pesquisadora desde 2006. Atualmente pesquisa acerca das relações de gênero na cena anarcopunk do Brasil (1990-2011).

de leitura fundamental para as anarquistas contemporâneas. No entanto, se fizermos o esforço de pensar quantas mulheres anarquistas são notoriamente conhecidas teremos alguns poucos nomes, dentre os quais, nomes como: Maria Lacerda de Moura, Emma Goldman, Louise Michel e Luci Fabbri, número este que é extrapolado as centenas quando pensamos em homens que deixaram seus livros escritos para a posteridade, diferentemente de muitas destas mulheres. Essa invisibilização das mulheres, na história, foi apontada ainda pelos feminismos (PEDRO, 2005: 85); logo a cena punk aqui objeto de estudo, não seria uma exceção. Entendo aqui que a história contada a partir do ponto de vista das mulheres anarcopunks é diferente daquela repetida por aqueles sujeitos marcados como homens e que a historiografia do punk tem ressaltado somente experiências masculinas como relevantes. Neste sentido visibilizar e debater práticas contemporâneas das autodenominadas "feministas libertárias" e/ou "anarcafeministas é relevante ao debate do feminismo contemporâneo em tempos de globalização.

Punk e Feminismos em tempos de mudança

A década de 1990 foi marcada no Brasil pela consolidação da recente democracia depois de um longo período ditatorial. O neoliberalismo finalmente chega ao país com suas políticas de privatizações precedidas por uma grande mobilização social em torno do *impeachment* do presidente eleito em 1989, Fernando Collor de Mello.

A população se mostrou disposta a lutar por uma democracia sem corrupção e por um governo que de fato tirasse o Brasil da situação econômica complicada em que se encontrava. O que para muitxs foi visto como uma vitória do povo, para outrxs foi somente mais uma prova da falência do modelo representativo de governo. Dentre estxs últimas se encontram as diversas pessoas que fazem parte da cena anarcopunk e se reivindicam anarquistas. Inclusive as mulheres que ali estavam. No entanto estas mulheres também estavam notando a falta de igualdade dentro de sua própria cena, de seus coletivos mistos. Estavam percebendo a existência do sexismo dentro daquele espaço que para elas era sua frente de luta.

No Brasil o movimento punk ganhou visibilidade nas grandes capitais no início da década de 1980. Visibilidade foi gerada em parte pela grande mídia e pelo festival “Começo do fim do mundo” realizado em São Paulo, no ano de 1982, que acabou com uma grande confusão (amplamente noticiada) entre os punks, e entre os punks e os policiais. Neste período grupos punks se reuniam em shows e pontos de encontro específicos ligados ao punk, desde então se produziam

fanzines e trocavam-se material musical de diversas partes do mundo (CAIAFA,1985). O que poderia ser apontada como uma cena desarticulada, somente musical, *ganguista* e pouco política na década de 1980, passa no final da mesma, a ter em seu interior grupos mais ativos politicamente. A década de 1990 trouxe, portanto, novos questionamentos e novas práticas no interior da cena.

O fortalecimento e a proposta do denominado anarcopunk que, no fim dos anos 1990 e início dos 2000, se aproxima de diversos movimentos sociais: movimento negro, movimento LGBTTT, Sem-teto, passando a conviver e trocar experiências, categorias e vivências com outros setores da sociedade, ampliando suas lutas e articulações na sociedade biopolítica. Para aquelas e aqueles que assumem uma vivencia completa no anarcopunk propõe-se constantemente questionar e desconstruir subjetividades, e um viver, em sua complexidade, aquilo que se assume enquanto luta. Desta forma, para este artigo interessam principalmente as vivências de mulheres anarcopunks que assumem esta como sua forma de vida. Fazendo de seu cotidiano a luta por idéias que acreditam, indo para além da propostas musical e estética do início dos anos 1980, muitas/os sujeitos hoje aderem a questionamentos de moradias, morando em ocupações ou *squatts*, questionando o capitalismo e suas fronteiras, vivendo de forma *freegan*, questionando outras relações de poder em relacionamentos amorosos e de amizade. No entanto, as feministas anarquistas reforçavam que mesmo com todos estes questionamentos e com a clareza do movimento se dizer anti-sexista e anti-machista, o machismo e a opressão das mulheres continuava se reproduzindo na cena, assim começam a se formar coletivos só de mulheres coletivos de feministas libertárias e anarcofeministas.

Feminismo: faça-você-mesma.

Em fins de 1992, junto com as mobilizações pela saída do presidente, temos a comunicação do primeiro grupo anarcofeminista ligado a cena anarcopunk. Este grupo foi formado em São Paulo por mulheres anarcopunks, e outras somente anarquistas, ligadas a cena punk e recebe o nome de Coletivo Anarco Feminista (CAF). O zine Pandora editado por mulheres do coletivo foi para elas um importante veículo de expressão e construção de uma identidade coletiva como mulheres anarcofeministas (PANDORA,#3,1993). A grande circulação destes zines pode ser observada pela diversidades de coletivos anarcofeministas criados por inspiração neste; foram criados coletivos na Bahia, em Santa Catarina, Campinas e no Pará.

No início de 1993 elas escrevem sua "base de acordo" como feministas, algo que é uma prática comum na cena anarcopunk e em coletivos anarquistas de modo geral. Bases de acordo tratam do caráter do coletivo, de forma mais ampla e trazem indicativos de quem e como poderia se fazer parte dele. No caso desta em especial a base de acordo foi construída pelos coletivos de São Paulo e Campinas. Importante notar que na base de acordo a data de fundação do coletivo é março de 1993 e não 1992 como consta na literatura anarcofeminista (DIAS, 2011); as datas discrepantes podem ser lidas aqui na dificuldade de se formar um coletivo só de mulheres, quando estas já militavam em outros coletivos. Essa dificuldade de organização de espaço só para mulheres já foi indicada por outros coletivos feministas formados por militantes políticas de esquerda na ditadura militar. Mesmo que o anarquismo difira bastante daqueles ideais pregados por grupos de ação e resistência contra a ditadura militar no Brasil, a acusação feita a essas mulheres era basicamente a mesma: elas seriam separatistas, estariam dividindo a luta.

Quase vinte anos depois das organizações feministas da década de 1970 ainda era complicado questionar a dinâmica machista dentro de grupos de ação política. Mostrar a necessidade de uma organização só de mulheres era, e em certa medida ainda é, apontar falhas e privilégios em sua frente de batalha. Neste sentido podemos ler na citada base de acordo do CAF:

> Como os fins desse coletivo não tendem separar os sexos e sim fazer que melhor se compreenda e se respeitem, o que equivale a uni-las com laços mais sólidos que os existentes, embora não aceite como militantes pessoas do sexo masculino não recusará a ajuda que possa e queiram prestar-lhe.(Base de acordo; CAF, 1993)

A necessidade de explicar que não pretendem "separar os sexos" demonstra o tipo de discurso contra o qual essas garotas tinham que lutar em sua própria cena. Para que a leitora/leitor não pense que esta era uma questão enfrentada só em São Paulo, trazemos um trecho do zine *Libertare* (1997, #6), de João Pessoa/ PB, onde a autora escreve sobre a questão do separatismo:

> Questiona-se também porque fazemos reuniões onde só mulheres participam. Bem, não estamos sendo separatistas com isso, mas precisamos de um espaço para discutir nossos problemas e dificuldades e só nós sabemos quais são, pois geralmente há uma identificação entre as meninas e tudo flui melhor assim. (Libertare,1997, #6:7)

Percebe-se que mesmo mudando de localidade os questionamentos continuam os mesmos. O título do texto de onde retiramos a citação acima "Anarco feminismo mete medo", nos parece bastante elucidativo de como estas mulheres eram vistas e questionadas na cena. Como exemplo disso temos um texto compartilhado no zine *Cresça e Desobedeça* #5 de 1999, alguns anos depois

de o CAF ter acabado, intitulado "Mulheres no Punk", sobre o CAF o autor do zine afirma que ele "teve méritos de trazer questionamentos, apesar dos vários equívocos e exageros".

Estes exageros apontados pelos autores do zine *Cresça e Desobedeça* tem relação direta com a acusação de separatismo, seria "um exagero" realizarem reuniões separadas, pois a luta deveria ser de todos e todas. Acho relevante ainda comentar a citação do zine *Libertare* acima, pois ela toca em outra questão sensível ao feminismo: a idéia de uma sororidade feminina. Algo que seria compartilhado por todas as mulheres, "uma identificação entre as meninas", e que as aproximaria na luta contra o machismo.

A sororidade pode ser lida como uma solidariedade entre as mulheres. Estas, teriam experiências em comum que as fariam ter empatia com outras mulheres que passariam pela mesma situação de opressão. Suely Gomes Costa (2009) nos aponta como algumas autoras trabalham a questão da sororidade como um construto do próprio feminismo. A autora também afirma como para algumas autoras houve certa interrupção desta sororidade quando o feminismo começa a pensar na diferença entre as mulheres. Por mais que muitas correntes do feminismo tenham abandonado a sororidade baseadas em uma análise de que o que provocava essa solidariedade era uma metáfora ligada a maternidade, necessitando portanto ser superada, a anarcofeministas se utilizam desta metáfora para entender inclusive esta facilidade de se falar somente entre mulheres.

A sororidade foi levantada como arma contra o patriarcado, categoria que já foi criticada e abandonada pelo feminismo acadêmico por ser ahistórica e vitimizar as mulheres, e na atualidade, vêm sendo reapropriada pelos feminismos não hegemônicos. O uso da categoria patriarcado está ligado também a espaços de militância ligados aos movimentos sociais de esquerda. O uso deste conceito foi também uma arma nas argumentações que já são célebres na esquerda: a de que a opressão das mulheres se findaria após a revolução. Assim traçada a hierarquia das lutas as mulheres deveriam lutar pela emancipação da humanidade e deixar a sua própria para depois. Afirmar então que o patriarcado é pré-existente ao capitalismo é uma forma de colocar a importância da luta feminista. Os laços de solidariedade entre as mulheres que participam de frentes de lutas em movimentos sociais, tinham também outros aspectos a serem pensados dado que estão num cruzamento das preocupações com classe social, raça e gênero.

As mulheres anarcofeministas da década de 1990 estavam em luta constante contra o que chama patriarcado, categoria que ajuda a entender a opressão que sofrem de seus próprios companheiros, em sua cena punk que se afirma libertária. A construção desse feminismo que não discute neste momento com as teorias feministas acadêmicas em ascensão no período se dá no dia-

a-dia, é o que chamamos aqui de um feminismo faça-você-mesma. Um feminismo que nasce nas periferias das grandes cidades, assumido por mulheres que já faziam parte de uma cultura muito particular (cultura punk) que se apropriaram do mote de fazer elas mesmas aquelas mudanças que queriam no mundo. Para além disso o faça-você-mesma incluía: ser a mídia que esperavam, fazer as musicas que se gostariam de ouvir, produzir os textos que se gostariam de ler.

Desta forma é importante ressaltar em nossa cultura ocidental que valoriza o letramento em detrimento das experiências orais, por exemplo, que o feminismo nem sempre se aprende em livros, palestras e passados em grupos de consciência espalhados pelo mundo.

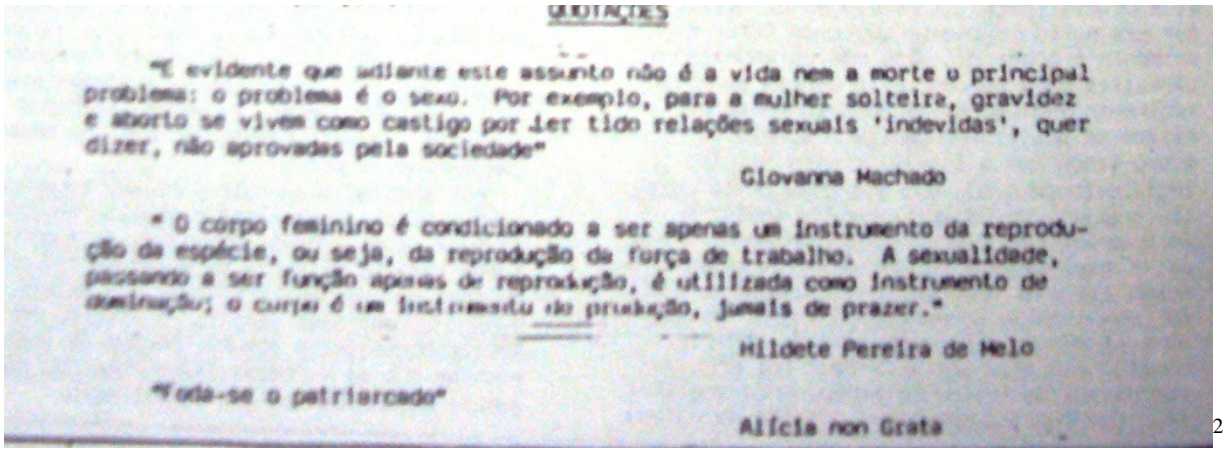
O feminismo muitas vezes é fruto da experiência pessoal, esta que para Joan Scott (1998) é a base das narrativas históricas, é as marcas da experiência cotidiana traçadas nos corpos destas mulheres que faz com que estas tenham um "click" para o feminismo. A experiência muitas vezes é colocada de lado, invisibilizada frente a narrativas mais valorizadas como "conhecimento" em nossa sociedade. Com isto quero dizer que este feminismo se constrói naquilo que elas conhecem de enfrentamento e que, quando buscam umas as outras a solidariedade entre as mulheres foi porque já perceberam que o sistema é machista e elas são oprimidas de forma diferente de seus amigos e colegas militantes.

O feminismo é uma revolução pessoal, este foi descrito assim por estas mulheres em diversos zines. Através destes zines conexões são traçadas e se formam redes de feministas que possibilitam outras irrupções, rupturas, debates, formação e desmembramento de coletivos de mulheres e mistos. São diversas subjetividades que são conectadas através das redes desse rizoma de circulação de zines, encontros e trânsitos, criando laços de sororidade. Estas redes só foram possíveis com a experiência anterior destas mulheres e seu reconhecimento como feministas no enfrentamento das opressões que se sofre cotidianamente.

Há uma prática constante de se valorizar o feminismo pelo que se publica neste campo, pelas grandes instituições e ONGs, pelas leis, pelas referências de um feminismo que veio "de fora", pelo entendimento da história dos feminismos e das feministas do passado. Ora, é compreensível, portanto, que estas experiências feministas que se fazem nas bordas, esse feminismo anarcofeminista, libertário, latinoamericano e de camadas populares seja pouco pensado na história e pouco valorizado no campo feminista de forma mais ampla. A estas mulheres interessa construir novas subjetividades, alterar seu cotidiano, fazer as microrevoluções, fazer isso de modo autônomo e extremamente combativo. Os livros podem ser sim ferramentas de conhecimento e reflexão sobre

estratégias feministas, o que não podemos, e que as anarcofeministas nos lembram, é criar uma hierarquia entre os discursos feministas que tracem quais são aquelas narrativas que valem mais.

A luta contra as hierarquias de forma ampla pregada pelo anarquismo vai ser a principal arma conceitual do anarcofeminismo para defender suas idéias num campo de feminismo que na década de 1990 se torna cada vez mais institucional e acadêmico. Este feminismo usa de uma das propostas do movimento punk que é o uso da paródia (Agamben, 2007) e do sarcasmo para lidar com o real, questionar o *status quo* e as hierarquias sociais e de gênero. Apresentamos abaixo uma construção relativa à linguagem, mas, que na construção deste zine, é englobada também na dimensão estética. Mesmo com a imagem desfocada temos uma idéia clara do conjunto de frases:


QUOTAÇÕES

"É evidente que adiante este assunto não é a vida nem a morte o principal problema: o problema é o sexo. Por exemplo, para a mulher solteira, gravidez e aborto se vivem como castigo por ter tido relações sexuais 'indevidas', quer dizer, não aprovadas pela sociedade"

Giovanna Machado

" O corpo feminino é condicionado a ser apenas um instrumento da reprodução da espécie, ou seja, da reprodução da força de trabalho. A sexualidade, passando a ser função apenas de reprodução, é utilizada como instrumento de dominação; o corpo é um instrumento de produção, jamais de prazer."

Hildete Pereira de Melo

"Foda-se o patriarcado"

Alícia non Grata [2]

Sob o título de "Quotações" temos apresentadas três frases de feministas. As duas primeiras frases são de acadêmicas, logo, suas frases são elaboradas e trazem conceitos e explicações. A terceira, assinada por Alícia non Grata, diz somente "Foda-se o patriarcado!". O claro contraste entre as frases tem sua dimensão sarcástica, e também uma dimensão imagética que iguala a importância do conteúdo de suas sentenças, sendo, portanto não hierárquica com conteúdos. Explico: estão as três juntas, a última bem poderia ser o resumo das duas primeiras, esse é um exemplo da paródia sarcástica que debatemos anteriormente; a escritura de si que provoca a reflexão sobre aquilo que se lê.

[2] Zine *Pandora* #3, 1993, Leia-se: "Quotações. 'é evidente que .... este assunto não é a vida nem a morte o principal problema: o problema é o sexo. Por exemplo, para a mulher solteira, gravidez e aborto se vivem como castigo por terem tido relações sexuais indevidas, quer dizer, não aprovadas pela sociedade'. Giovanna Machado.
'O corpo feminino é condicionado a ser apenas um instrumento da reprodução da espécie, ou seja, da reprodução da força de trabalho. A sexualidade, passando a ser função apenas de reprodução, é utilizada como instrumento de dominação, o corpo é um instrumento de produção, jamais de prazer'. Hildete Pereira de Melo.
'Foda-se o patriarcado' Alicia Non Grata." . Transcrição da autora.

Eu desorganizando posso me organizar

Enquanto algumas mulheres se organizavam em coletivos só de mulheres, outras em coletivos mistos, existiam aquelas que não participavam de grupo nenhum, mas atuavam como anarcofeministas na cena anarcopunk, o que não deve ser confundido com dupla militância. A dupla militância torna-se necessária em partidos e organizações de estrutura fixa e hierarquizada por nelas não haver espaço para o debate feminista, o que força as mulheres a fazer um trabalho em uma dupla frente cada qual com sua luta primordial. No caso das mulheres que atuavam com anarcofeministas na cena trata-se exatamente de travar o debate sobre o feminismo na cena de uma forma geral, infundindo seu questionamento acerca do machismo em todas atividades relativas a cena anarcopunk da forma como for possível.

Publicando fanzines essas mulheres começam a fazer barulho sobre a realidade de sexismo encontrada na sociedade e também na cena. Podemos citar como exemplo o zine *Protest to Resistance*, publicado por Naira em São Paulo. Mesmo tendo em sua capa "publicação anarcopunk" no interior do zine vemos alguns escritos de cunho anarcofeministas, além de alguns desenhos feitos pela própria Naira. Isto é, o anarcofeminismo não está isolado nas publicações que se reivindicam como tal. Como foi mencionado anteriormente, ao se compreender o anarcopunk como forma de vida, vemos o entrelaçamento de várias formas de luta/resistência com a discursividade sobre a desconstrução diária dos privilégios e preconceitos.

"Fazemos do punk a nossa vida, nossa essência" (Protest to Resistance, #1, 1996), é a frase que inicia o editorial do zine citado acima, ao longo do texto que segue podemos ler uma conclamação a coerência, a auto-crítica como coisas necessárias pra ser uma verdadeira pessoa punk. É necessário viver o punk em sua plenitude e lutar para canalizar o ódio dentro de si para os reais inimigos "o racismo, a burguesia e o patriarcado". Esse é um clássico zine anarcopunk que junta vários textos de temáticas diferentes com desenhos e frases feitos a mão, colagens e muitos temas relacionados ao punk.

Performar e reforçar discursivamente o anarcofeminismo, colocando este no centro argumentativo, reforça e por sua vez faz emergir a mesma cena anarcofeminista que se diz fazer parte. Essa criação conforme já aponta Butler (2002), quando fala de performatividade de gênero, precisa ser reiterada pelos discursos de modo a criar os sujeitos que se propõe. Acredito que na formação de uma cena, ou de um campo, como no caso do anarcofeminismo no interior do anarcopunk, isso só é possível a partir do (re)conhecimento, da troca que faz as diversas mulheres

anarquistas e punks se reconheceram enquanto sujeitos em uma luta específica. Fato que possibilita a emergência da cena anarcofeminista e pode ser exemplificado pela presença de tantos zines criados de forma coletiva.

Na mesma década de 1990, Sonia Maluf, Juracy Tonelli e Karla Adrião(2011) discutem essa mudança discursiva que cria novos sujeitos no campo do feminismo institucional. Para ela, neste período existem várias especificidades que estão compostas no campo englobador de "mulher", nesse sentido: "questões como raça, sexualidade etc, marcavam especificidades (as negras, as lésbicas, etc, eram o ´outro´ dentro do feminismo) em relação à ´identidade maior´ (mulheres e/ou feministas)"(Maluf,Tonelli, Adrião, 2011). Na década de 1990, portanto, ela aponta a importância das feministas jovens, das feministas lésbicas para a formação da luta feminista institucional como um feminismo plural. Mesmo que as mulheres anarcopunks não se reconheçam neste feminismo institucional, não podemos negar que estas são partes de um mesmo período histórico de identidades de um feminismo plural.

Notas para um feminismo plural e não hierárquico

A formação de uma identidade e de uma cena anarcofeminista vai possibilitar inclusive as diversas formar de troca e aproximação com o feminismo mais institucionalizado. A identidade anarcafeminista e a cena era formada neste momento principalmente por mulheres jovens, de áreas mais pobres da cidade que assumiam o anarcopunk como sua forma de vida e, portanto já enfrentavam o sexismo e a hierarquia de gênero antes dentre suas outras frentes de luta. Partiam de um lugar bastante particular que não pode ser comparado aquele das feministas que conheceram o debate a partir de livros acadêmicos por exemplo.

Isso nos remete, de certa forma, à discussão sobre o dito "desconhecimento" do feminismo por parte das anarcofeministas punks apontado por Margareth Rago(1997). O encontro com o feminismo e a forma como se debate e se atua como feminista também será marcada pela experiência de classe, da mesma forma como é marcada pela experiência racial conforme já apontavam Bell Hooks e Audre Lorde. Mulheres ainda jovens, que criavam coletivos anarcofeministas na década de 1990, eram estas principalmente mulheres trabalhadoras, de condição financeira restrita. O pouco acesso a cultura acadêmica pode ser um apontamento da falta de conhecimento teórico sobre o anarcofeminismo. O que tem relação também com o fato de que mesmo no interior da cena anarcopunk os textos e livros mais reproduzidos em zines sejam de

homens anarquistas, que falavam (quase) nada sobre a questão das mulheres e o machismo. Com o material ao que tinham acesso estas mulheres criavam uma nova forma de anarcofeminismo, mais contemporâneo e com questões culturais muito marcadas. Este era também um feminismo de enfrentamento, inclusive, ao capitalismo agora transnacional e globalizado, um anarquismo feito na prática para lidar com problemas de uma modernidade líquida (como diria BAUMAN, 2003).

Escrevo estes últimos parágrafos para lembrar a necessidade de se repensar cotidianamente a prática historiográfica e deixar claro que mesmo nesta cartografia, muitas experiências contra-hegemônicas ficaram de fora. Neste sentido me alinho com o que diz Guacira Lopes Louro (2004);

> Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer vêm promovendo uma nova articulação entre sujeitos e objetos do conhecimento. Não são apenas novos temas ou novas questões que têm sido levantadas. É muito mais do que isso. Há algumas décadas os movimentos e grupos ligados a esses campos vêm provocando importantes transformações que dizem respeito a quem está autorizado a conhecer, ao que pode ser conhecido e às formas de se chegar ao conhecimento. Desafiando o monopólio masculino, heterossexual e branco da Ciência, das Artes, ou da Lei, as chamadas minorias se afirmam e se autorizam a falar sobre sexualidade, gênero, cultura. Novas questões são colocadas a partir de suas experiências e de suas histórias; noções consagradas de ética e estética são perturbadas. (p.24)

Acredito que visibilizar, essas minorias, como diria Guacira, ou ainda visibilizar o que é contra hegemônico, é uma forma também de questionar a própria história, e trazer narrativas que possibilitam questionar práticas e estéticas. Para além disso ver o que este feminismo anarcafeminista pode contribuir com o campo do feminismo mais geral que tem se deixado capturar pelos dispositivos do poder é acreditar em uma forma cultural de feminismo que busca subverter na prática cotidiana os mecanismos que nos regulam e controlam, e que visam destruir a potência transformadora dos copos femininos. Nesse sentido me alinho com o que diz Preciado:

> Este nuevo feminismo posporno, punk y transcultural nos enseña que la mejor protección contra la violencia de género no es la prohibición de la prostitución, sino la toma del poder económico y político de las mujeres y de las minorías migrantes. Del mismo modo, el mejor antídoto contra la pornografía dominante no es la censura, sino la producción de representaciones alternativas de la sexualidad, hechas desde miradas divergentes de la mirada normativa. Así, el objetivo de estos proyectos feministas no sería tanto liberar a las mujeres o conseguir su igualdad legal, como desmantelar los dispositivos políticos que producen las diferencias de clase, de raza, de género y de sexualidad, haciendo así, del feminismo, una plataforma artística y política de invención de un futuro común. (PRECIADO, 2010: web)

É relevante o destaque, feito pela autora, de o campo de embate ocorrer diretamente no campo das artes e dos diversos dispositivos (AGAMBEM, 2009:36-38) de controle de corpos e sexualidades. Ao feminismo contemporâneo é extremamente relevante, ao meu ver, a construção de experiências diferentes de ser mulher, a revalorização do conhecimento das próprias mulheres que estão a margem e questionam a sociedade e o feminismo hegemônico de um lugar particular. Desta forma é importante continuar a pesquisar acerca das formas de atuação do anarcofeminismo brasileiro entendido como uma resistência contra hegemônica ao sistema capitalista e ao feminismo estatal.

Referências

ADRIÃO, Karla Galvão, TONELI, Maria Juracy Filgueiras, MALUF, Sônia Weidner. O movimento feminista brasileiro na virada do século XX: reflexões sobre sujeitos políticos na interface com as noções de democracia e autonomia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 19(3): 661-681, setembro-dezembro/2011.

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações.* São Paulo: Boitempo, 2007.

AGANBEM, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan.* Sobre los limites materiales y discursivos Del "sexo". Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2002.

CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade:* a invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1985.

COSTA, Suely Gomes. Onda, rizoma e "sororidade" como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos (paris, rio de janeiro: anos 70/80 do século xx). *Revista Interdisciplinar INTERthesis*, Florianópolis, v.6, n.2, p. 01-29, jul./dez. 2009

DIAS, Mabel. 2011. *Mulheres anarquistas* vol.2. São Paulo: Imprensa Marginal, 2011.

LEITE, Miriam Moreira. *Maria Lacerda de Moura*: Uma Feminista Utópica. Editora: EDUNISC, 2005

LOURO, Guacira. *Um corpo estranho*. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: editora Contexto, 2007, 190p

PERROT, Michele. Práticas da Memória Feminina. A Mulher e o espaço público. *Revista Brasileira de História* .18, ANPUH/Marco Zero, 1989.

PRECIADO, Beatriz. 2010. *Depois Do Feminismo* – Mulheres Nas Margens. Disponível em: http://destemidxs.wordpress.com/2011/08/25/traducao-depois-do-feminismo-beatriz-preciado/). Acesso em 03/12/2011.

RAGO, Margareth. *Anarquismo e Feminismo no Brasil*: A Audácia de Sonhar. São Paulo: Achiamé, 1997

RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade:* (Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo). São Paulo: UNESP, 2001, 368 pp.

Fontes:

Base de acordo; Coletivo Anarco feminista, 1993. São Paulo.

Zine Libertare , #6,1997

Zine Cresça e Desobedeça, #5, 1999

Zine Pandora,#3,1993

Libertarian feminists: contemporary practices of resistance

Astract: This work aims to show and debate contemporary practices by self named "libertarian feminists" and/or "anarcafeminists", practices located in the 90's. These women are within the punk and anarchopunk brazilian scene. The term "scene" is used for being an emic one and which holds several materiality constitutive of what is known as punk culture: music, activities, clothes, fanzines, texts etc. The women designate themselves as part of that scene (until today mostly made by men), marking their feminisms as resistances located on the intersection of class, age, gender, and race. In a growing neoliberalism and individualism context, they appropriate of the sorority concept to fortify bonds; quest to create alternatives to the consumerist culture incorporating practices of "do-it-yourself", a concept very fond to punk culture; confront, many times by means of direct action, chauvinist practices within their own scene and within general society. Thus, we understand that the insertion in punk and anarchopunk culture, and the connection to anarquism, bring specificities that deserve to be debated. To develop the proposed question, the sources used were fanzines and oral reports from those women.
Keywords: Libertarian feminism. Resistance. Intersetion.